

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SECULO

José Jonheri Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
para o endereço: ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 8 DE AGOSTO DE 1904

NUMERO 40



O CALENDARIO—O MEZ DE AGOSTO

Agosto, mez dos caniculares. O sol entra no signo de Leão; é forte, é suffocante e os dias são resplandecentes e curtos. Ha grande falta nos campos para recolher o casto das sarras e as sarras já brilha e milho cur d'ouro, dessecado nas noites de luar pelas ranchadas de moçotas e rapazes estralidos ao trabalho pela aca de toparem o milho rei, aquelle de bagos avermelhados que dá direito a beijos nas cachopas de sirado. Soam canções de labeta e vem as romarias.

Abre-se a cada um dia de Senhora d'Agosto. Em 23 termina a canicula e chegam nelle os dias mais bellos do anno, as tardes amenas, suaves, frescas, vem as festas populares, os cirios da Atalaya e o Senhor da Serra, romagens cheias de pittorescos e geralmente alegres com que termina o Agosto, mez de sauzes e em que se deve començar o tratamento dos bellos crysanthemos que não-de florescer de setembro até outubro.

CHRONICA

Os caniculares

Estamos n'um ruim tempo. Vivemos como n'um alambique. Distillamos. Já os alfaiates começam a repontar, e isto porque a cidade anda em roupas brancas devido á moralidade, que não deixa andar mais á fresca. E' ver á tarde, nas estações dos comboios. Parece que se levantam da cama e vão somnambulamente em traje de noite jantar ao arrabalde.

Mas não é só isso. Estamos tambem n'um tempo de prognagios, de maleficios, de agouros e de coisas trágicas.

Tem fama a canícula. E' como uma epidemia, como a febre amarella ou como a peste bubónica, é como a guerra ou como a *Cosque d'Or*, que tambem devora vidas e fortunas, é como um bando de policias á solta ou como um electrico á correr ahí por essas calhas.

Ah! a canícula.

Já nos tempos idos, quando o Egypto dava as cartas á civilisação, esse tempo que medeia de 22 de Junho a 23 de agosto era tido e havido como desolador. Começava o anno n'este mez e o Nilo vinha torrencioso, alagava os campos e fazia fugir espavoridas as lindas lavandeiras morenas de olhos ardentes, que nas margens do sagrado rio iam batendo as alvas tunicas dos sapientes augures; o sol escachava os fructos e torrava as gentes, e os medicos, fazendo signaes cabalísticos, recolhiam-se a penates, pois havia a creença que eram impotentes para curar as doenças apanhadas durante esse período. Então os embalsamadores cruzavam os braços e deixavam de comer, porque, não trabalhando os discipulos de Hippocrates, morria muito menos gente apesar da canícula.

No entanto ella foi ficando com a fama e ainda hoje a accusam, ainda dizem que o sol atravessa o signo de leão e a terra um cyclo de calamidades.

Ah! a canícula! a velha constellação deve ter na verdade culpas no cartorio.

Trouxe agora as maleitas e as decimas, os bantos terroristas e as eleições, as fructas que fazem mal e as doenças de ventre, as sedes que desesperam e as secas nos campos.

Trouxe o contracto dos tabacos e os assaltos aos relogios desde os dos transeuntes d'Avenida até ao



O PARQUE DO ASYLO DE INVALIDOS MILITARES DE RUA



A ALAMEDA Á ENTRADA DO ASYLO DE INVALIDOS MILITARES DE RUA

da Estação do Rocio, trouxe a febre do descanso e o grito de que é necessario trabalhar, trouxe uma praça de companhias dramaticas a correrem as provincias desde Villa Nova de Milfontes até Freixo d'Espada á Cinta e muitas outras cousas que despejou sobre o paiz como um saeco de calamidades.

Ha dias a *Tejo*, cauhoneira arranjada de novo, foi até fora da barra e andou por lá á matroca, sem que os tripulantes tivessem que comer e sem que o cavio se pudesse mexer. Porque tudo isto ?

Ora, por causa da canícula!

Não ha duvida que tudo isto parte d'este tempo, que segundo os egypcios é useiro em maleficios, o que obrigou os romanos a sacrificarem-lhe um molosso rucoo fim de apaciar as iras de Sirius que era o cão do caudex Orion e anda agora lá pelos espaços a brilhar como muitos outros da especie que tambem são dourados, constellados, fulgurantes e estrellas de primeira grandeza.

Não devemos, pois, admirar-nos de todas as desgraças que possam succeder no período canicular. Isto é fatal. Resignemo-nos. E' Sirius a expor-se no ceu, é o calor, é a canícula, perro de raça mythologica que não ladra, mas... morde.

Os romanos sacrificaram-lhe um cão e nós continuamos as tradições d'esse bello povo que acambarou o mundo. A imitar, antes os grandes! Pois então!

E d'ahí os sacrificios que fazemos á canícula: vamos para o campo, tomamos assignaturas no comboio, compramos fatiotas e panamás, botamos tipoiá por causa dos calores, e recorremos para tudo isto ao prego e ao monicépio. Não trabalhamos como os medicos do Egypto, sentimo-nos mandriões, deixamos correr á toa os negocios e todos estes sacrificios são feitos a ella, á canícula, á terrivel constellação que do resto, entre nós, dura todo o anno.

Todo o anno?! Claro. Pois não vdem como os governos sacrificam, á romana, o cão, que, á força de ser sacrificado, já nem se lhe sabe a cor do pello...

ROCHA MARTINS.



A POVOAÇÃO DE RUA



O SANATÓRIO DA PAREDE—GRUPO DAS CRIANÇAS ALBERGADAS

Inauguraram-se no dia 31 de julho duas camaratas n'esta instituição fundada pela sr.^a D. Claudina Chamão, que pôz assim em pratica as últimas vontades de seus fallecidos sobrinhos D. Amélia Biester e Frederico Biester. O asylo é destinado a vinte velhos cardiacos, vinte velhas cancerosas e sessenta crianças lymphaticas, escrofulosas e atardadas de tuberculose osseas, sendo recebidas n'esse dia as vinte crianças que enfermam d'este ultimo mal. O regulamento a que se refere de obedecer é o seguinte: A's sete da manhã levantar, depois o banho, ás oito horas almoçar qe

consistirá de sopa e um prato, a seguir o recreio; ao meio dia jantar, ás tres horas merenda, recebendo-se leite ás 8 horas da noite.

É uma obra digna, toda de carinho e toda d'utilidade, onde a descrepitude encontra o seu consolo e os socorros, assim como a infancia pobre e doente, fazendo-se o bem tanto aquelles que mal saíram na vida começam a soffrer como aos que no fim da existência soffrem mil tormentos.



GRUPO NO PAVILHÃO DA PRAÇA DO COMMERCIO



OS BAILADOS

As lindas mulheres de Soure, trajando á moda de Coimbra, como teitanas garbadas, fizeram os seus bailados dividindo-se em dois grupos, um a da Praça do Commercio, outro á da Senhora do Terço. Armaram-se dois pavilhões e assim disputaram a victoria nas danças castro-briditas e nas canções que vem da alma do povo e foram como um entretenimento. Duraram tres dias os festejos e durante esses dias os pares voltaram e os côres saaram acompanhados pelas musicas. Estavam admiravelmente embelezados os dois grupos, vestiam com garbadas as respiradas e pelas noites todas de calma, se elevando das lutas, folgoras e ziram a sem divi da milha amores se formaram. Nada mais bello que esse bailado popular e sem pretensão, mas cheio de graça, de encanto, nada mais suave que essas canções que vem do grande poeta anónimo que é a malitudo e que tem dogmas de ballada, notas suaves de ternura. Por isso, foram lindas essas festas, cheias de belleza pelas noites magnificas e miraboladas.

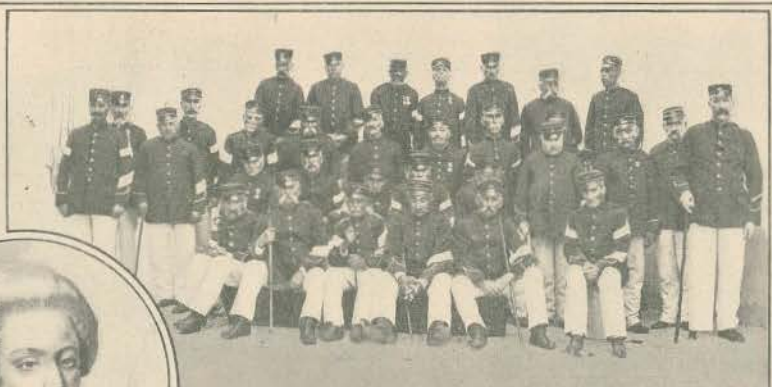
Photo. do sr. J. Surtorius tiradas expressamente para a "Illustração Portuguesa".

OS FESTEJOS EM SOURE



A RUSSIA PITTORESCA: TYPOS DO CAUCASO

MENDIGO—UMA ATALAYA DE COSSACOS—UM SOBRE CAUCASIANO—A LESDINGHA (DANÇA NACIONAL)—COSSACO—IMBETHIANOS JOGANDO EM DIA DE FESTA—TARTARO DE PIATIGOUK



OS INVALIDOS MILITARES—ASYLO MILITAR DE RINA

OS DOENTES—O ASYLADO—PRINCEZA MARIA BENEDITA, FUNDADORA DO ASYLLO—O ESTÁDO-MEOR DO ASYLLO—O SARGENTO MANUEL PÉREZ ASSUNÇÃO, 2.º SARGENTO FRANCISCO DOSSEZ, DEPENDENTE, 1.º SARGENTO NARCISO CEIL, SARGENTO AJUDANTE, 2.º SARGENTO SENEZ FERREIRO, SARGENTO QUARTEL-MEISTER, COTTINO BENO, PHARMACEUTICO DO HOSPITAL—1.º O AJUDANTE FERRETE AGUELO VIANA, 2.º CORONEL RAMOS RAMOS, COMANDANTE DO ASYLLO, 3.º DR. ALVARO MARTES, MEDICO DO ASYLLO

Foi fundado pela filha d'el-rei D. José e a princesa D. Maria Benedita, que casou com seu sobrinho D. José e que ficou viúva após uns dois annos de consorcio, dedicando-se então a uma vida toda de piedade e de boas obras. O asylo d'invalidos fica em Rina, linda povoação a 6 kilometros de Torres Vedras, e tem tres andares. No andar terreo ficam o gabinete de leitura, o quarto d'um official invalido, os alojamentos d'alguns empregados, cozinha, as massarias, salicões, deposito de medecinas, officina do carpinteiro, refeitório, despensa, a pharmacia, a casa das pratas onde se guardam as ricas alfaytas e as finissimas louças que pertenceram a princesa fundadora e que habito n'aquelle palacio. No primeiro andar estão as enfermarias,

sala de viarugia, alojamento do medico, secretario e ajudante do thesoureiro. No segundo andar, a residencia do sr. commandante coronel Bernardino dos Ramos Barros, a tribuna real da igreja (grande sala decorada com valiosos quadros) e a secretaria; e nos lados do nascente e norte ficam os aposentos do capitão dos invalidos graduados, a rouparia e arrecadação. Conta todo o edificio 400 casas, 366 janellas e 7 portos de communicação exterior e foi feito sob a direcção do architecto José da Costa e Silva, auctor do plano do real theatro de S. Carlos, sendo principado em 18 de junho de 1792 e inaugurado em 28 de junho de 1827, dia em que se faz sempre uma grande festa no asylo e que tambem se realisa este anno. Possui o

asylo uma bellissima capella de estilo romano, tendo em quatro nichos imagens em marmore da Carvira representando S. José, Nossa Senhora da Conceição, Santo Antonio e S. Thiago.

Tem tambem magnificos parques e jardins de vegetação luxuriante onde os soldados, mutilados e feridos invalidos ao serviço da patria vão descançar por essas tardes quentes, os velhinhos commemorando as suas campanhas que os nozes escutam, recordando-se de que já não podem pegar nas suas espingardas nem entrar nas floiras para a defesa da nação sua mãe, que os acolhe alem n'esse asylo, fundado por uma princesa tão bondosa quanto infeliz.

VISITA DO CORONEL de sphaïs BEN DAUD

Esteve entre nós de visita o coronel de sphaïs Ben Daoud, que é como um rajah magnífico e vive lá em baixo sob o toldo azul do céu d'Oran, nas suas terras d'essa bella região onde o muçulmano reza a oração da tarde á sombra da mesquita, quando o sol desce e as laranjeiras toem mais aromas.

O coronel deixou na mocidade a sua Oran querida, a vida indolente dos arabes sonhadores e foi para a escola militar de Saint-Cyr a receber o baptismo civilizador ao lado d'aquelles que são hoje os grandes generaes

franceses. Assim apprendeu a arte da guerra que elle fez na Algeria, no tempo da conquista, com SS. AA. RR. os senhores duques d'Anjou e Orleans e apprendeu as minucias da vida da sociedade que o tornam d'um encanto extrimo e nos obrigam a desejar conhecer o que será a sua existencia lá em baixo no pala-



GRUPO DE TOCADORES ARABES NA PROPRIEDADE DO CORONEL BEN DAUD

Phot. de S. M. a rainha senhora D. Amelia tirada por occasião da sua visita a Oran e gentilmente cedida á «Illustração Portuguesa»



GRUPO DE BAILARINOS NA PROPRIEDADE DE SADI MERUT

Phot. de S. M. a rainha senhora D. Amelia tirada por occasião da sua visita a Oran e gentilmente cedida á «Illustração Portuguesa»

cio fabuloso rodeado de jardins e que pelas noites deve ter o esplendor de luzes d'um ninho de fadas que fossem rainhas e vivessem em perennes maravilhas.

A cidade d'Africa, ainda com os seus costumes e com as suas tradições apesar da dominação franceza, cheia de baixos relevos votivos e de tumulos que vem dos romanos, é perfumada e garrida com as suas casas brancas como de marfim e com as suas arvores verdejantes onde os fructos sazonam ao loiro sol d'aquellas paragens.

E ali tem o coronel a sua vivenda, na qual recebeu S. M. a rainha e S. A. R. o senhor D. Luiz Philippe, quando os augustos personagens foram em viagem por esse Mediterraneo todo azul que recebe como uma benção no ouro da luz e na serenidade dos espaços que reflecte, n'essa época

primaveril em que tudo são amores, canticos e magnificencias.

Foi um almoco encantador, todo de gentilezas e amabilidades que esse coronel arabe educado na Europa



CINTO BORDADO A OURO COM FRANJA AZUL E BOLLAS D'OURO OFFERECIDO A S. M. A RAINHA



COLLETE GRENAT BORDADO A OURO OFFERECIDO A S. A. R. O SENHOR INFANTE D. MANUEL



SELLA EM VELLUDO DE SEDA CAEMEZIM BORDADA A OURO COM LAVRADOS DE PRATA OFFERECIDA PARA A MONTADA DE S. M. EL-REI

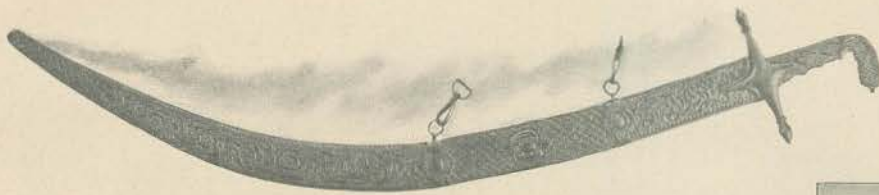
offereceu a S. M. a rainha, sem duvida a recordar os augustos principes da casa d'Orleans que com elle tinham servido na Algeria á sombra da bandeira franceza, como bons soldados e como bons amigos.



SABOUCHAS GRENATS BORDADAS A PRATA OFFERECIDAS A S. M. A RAINHA



UM GORRO RENO E GRENAT BORDADO A OURO E PRATA OFFERECIDO A S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA



ALFANQUE COM PUNHO E BAINHA D'OURO OFFERECIDO A S. A. R. O SENHOR D. LUIZ FILIPPE

E fluiu o almoo, quando a tarde decahia e a cidade arabe se quedava n'uma calma com a brancura dos seus palacios a destacar, os musicos vieram com os seus instrumentos, as flautas e as atabales, de claro vestidos, e vieram as dançarinas, envergadas de seda e de rostos melo cobertos, saudarem com as suas danças caracteristicas os augustos hospedes de seu amo, Ben Daoud, que alem vive a tratar do seu regimento de sphais, essa cavallaria arabe temivel e bella nas galopadas, quando esvoaçam os seus mantos brancos e as espadas recurvadas batem nos flancos dos nervosos corceis.

Ben Daoud, com o seu rosto patriarchal, de barbas alvas como o linho immaculado do seu albornoz, fazia as honras da festa esplendente na sua propriedade de Sadi Merufe e S. M. e S. A. R. assistiam satisfeitos a esses bailados em que ha requiebras e langoros ao som das musicas dolentes que *svocam* sandados d'um não sei qué, talvez d'um mysterio dulcissimo, d'um mysterio extranho que parece envolver toda a vida arabe.

E eram homens de rosto cor d'ebano e barbas negrissimas soprando as flautas e batendo os atabales, dedilhando as guzias, emquanto os vultos brancos das mulheres nos seus casulos d'arranhos se moviam lentas na docura da tarde sob o terraço onde se servira o café perfumado, o moka que os arabes parecem ter guardado em bocetas de pedras preciosas. S. M. a rainha durante a festa tirou algumas photographias que amavelmente nos cedon agora, quando o seu hospedeiro veiu gentilmente das suas

terras trazer presentes magnificos a real familia que o recebeu alem no Paço da Pena, tambem cheio de maravilhas e de grandezas.

Vimos o coronel Ben Daoud com a sua farda



CABECADA EM VILLEDO DE SEDA UARMEZIM OFFERECIDA PARA A BORDADA DE S. M. EL-REI



OS BAILADORES EM SADI MERUFE

Phot. de S. M. a rainha senhora D. Amelia tiradas por occasião da sua visita a Oran e gentilmente cedidas a Illustração Portuguesa.

voz dolente do sacerdote diz a oração da tarde e contra da sua mesquita, toda branca e a cuja entrada se enfiletram habonchas bordadas e as sandalias grossas do arabe que vai curvar-se o orar a Allah, o deus, o que vê nas almas.

E a Oran maravilhosa, toda de lampadarios pelas noites, toda de claridades, pensa o tem tonilidades phantasticas na sua grandezza de cidade arabe que guarda restos da tradição romana, dos centu-



CALÇA GRENAT BORDADA A OURO OFFERECIDA A S. A. R. O SENHOR INFANTE D. MANUEL



UM CARACO GRENAT BORDADO A OURO OFFERECIDO A S. A. R. O SENHOR INFANTE D. MANUEL



UM CASIREEQUE AZUL FERRETE BORDADO A OURO OFFERECIDO A S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA

riões e dos consules, e tambem d'aquelles abenerrages sahidos da peninsula aos golpes dos christãos para se refugiarem n'essas terras onde Ben Daoud tem o seu solar de maravilha o passa a sua vida de homem ligado pelo atavismo á sua raça e pela educação á Europa onde foi educado como os filhos d'esses principes das regiões do sonho que voem para as escolas francezas e allemãs deixarem o seu exotismo e recebem em troca a luz que os torna mais sagrados aos olhos d'aquelles que temo de governar.

Tal é Ben Daoud, o coronel de sphais que tão gentilmente acaba de vir a Portugal como um rei poderoso carregado de presentes e cheio de amabilidades, com o seu traje bordado e com o seu albornoz branco, d'immaculado linho...



A 25 de junho partiu de Hesseo Garcia com destino a Lourenço Marques o comboio n.º 2, composto pela machina 27, dois vagões fechados, 3 furgons, 5 carruagens de 1.ª, uma de 2.ª e uma ambulancia. Ao chegar ao kilometro 33,500 pelas 8,50 da tarde, sob um sol ardentissimo, o comboio desarrullou, fazendo-se logo algumas carruagens em estilhaços.

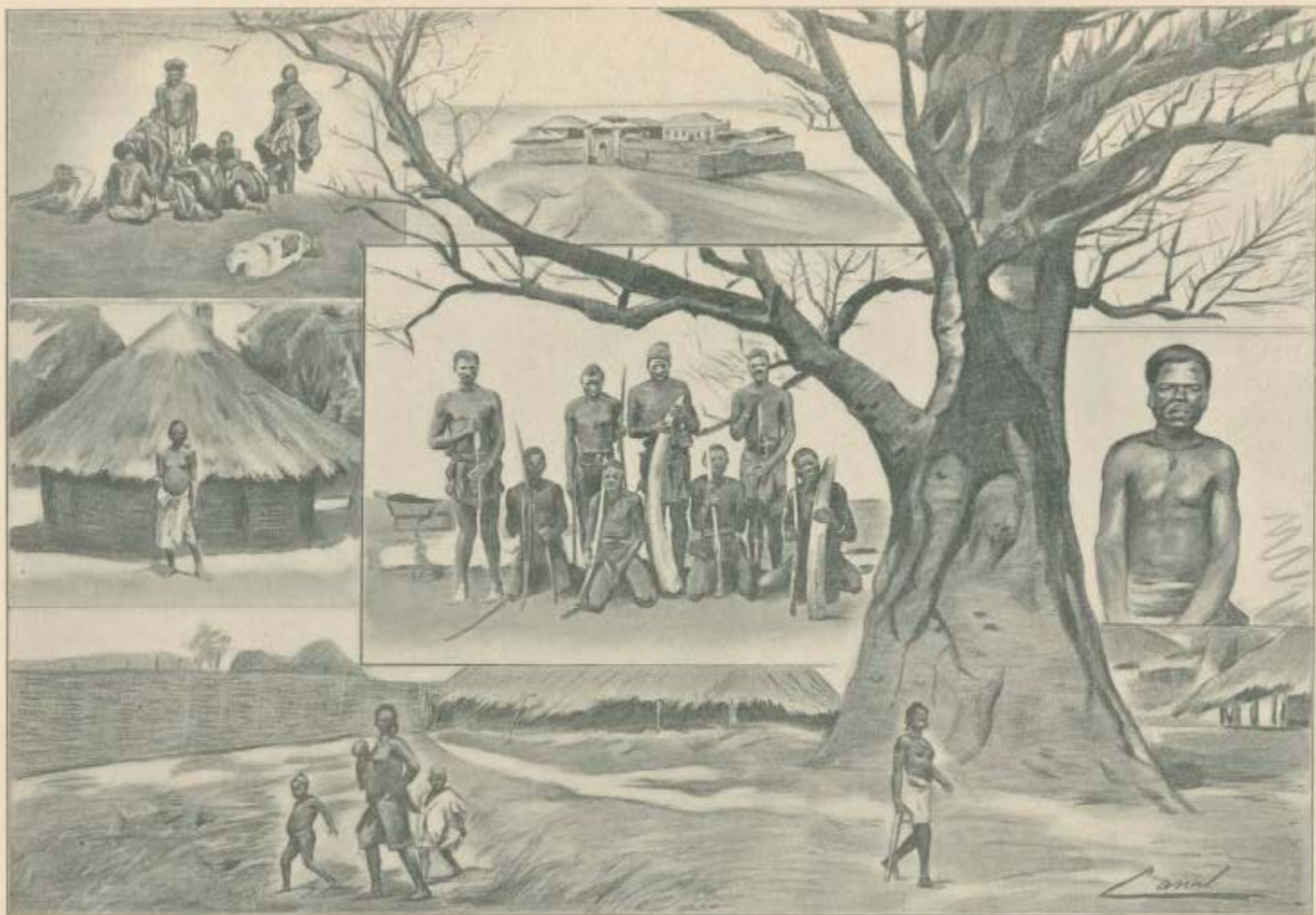
A locomotiva ia com grande velocidade e tombou, levando a machina enterrada até á passa-

jeira e entalada n'um montão de ruínas de 10 a 12 metros d'altura. Quando os primeiros socorros chegaram ao local, o espectáculo era horroroso. Havia 5 pessoas mortas e 16 feridas caídas entre os destroços das carruagens, ao passo que os outros passageiros se abastavam, espavoridos e desolados. Sobre a machina e ainda seguro ao freio de vacuo estava o machinista horrivelmente mutilado e o fogueiro e outro machinista jaziam a poucos passos n'um estado horrivel. Via-

se bem que os doutores tinham sabido morrer nos seus lugares. Morreram tambem o sr. Correia Mourão, aspirante dos telegraphos, e dois negros servicos que viam na carruagem de 2.ª A's 6,30 sahiu de Lourenço Marques o comboio de socorros que recolheu as 16 pessoas feridas, entre as quaes se contavam as sras. Pinarro, chefe do 3.º districto, que ficou com a perna direita bastante ferida, e os agrimensores sras. Antonio Pereira e Cesar Cunha, além de diversos estrangeiros.

O desmorramento parece ter sido motivado pela excessiva velocidade dada á machina entre as estações de :Pessoa e Matilla, onde a passagem é apertadissima. Atribue-se tambem a culpa aos engenheiros que não verificaram a machina, atrelando-a ao comboio para experiencia. Visto ter de 15 dias depois a Kommissiõ buscar aos congressistas allemes.

AS COLONIAS PORTUGUEZAS—UMA GRANDE CATASTROPHE EM LOURENÇO MARQUES



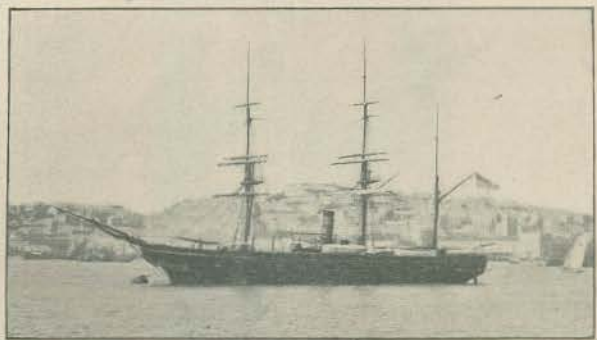
COLONIAS PORTUGUEZAS—A GUERRA DOS CANGHAMBAS

CANGHAMBURES—FORTALEZA DE S. FERNANDO EM MOSSAMÉDES—FALCUTA—GUERREIROS CANGHAMBAS—TIPO CANGHAMBÁ—ASPECTO DA REGIÃO—EM MOSSAMÉDES (ALGUMAS DA REGIÃO, DE PROPORÇÕES EXTRAORDINARIAS)

Os canghambures habitam na África Occidental along da Baía e tem território estende dos rios Senegal, do Senegal para o sul até ao rio Congo, com grandes extensões de terra fértil e das montanhas, e grande de terra de feitura, mais alta que a dos rios Senegal, desde da Baía para o sul até a fronteira do reino português, através de terras fértils e toda a costa de

litoral, até as partes de terra que tem o nome de Senegal. Além d'isso tem grande muito de terra e servem como negociantes na nova colónia de Fustatilla, e tem de se tratar com os portugueses e podem pagar os outros em alta. Desde d'este ponto vai organizando-se uma expedição para os canghambures, expedição que deve ser de 1500 homens, ainda assim deverão insufficientes para fazê-lo

forças como as dos portugueses que por vezes vem ao auxílio em número de 6000 e mais homens, com muita cavalaria e artilharia de campanha. Muitos homens, em Mossamédes, estão com o intuito de fazer fortificações e dentro um pouco construído as fortificações, que serão dirigidas ou pelo governador da província, ou como dizem C. H. de, ou pelo sr. capitão Aguiar, que vive desde lá muito na região.



A CORVETA AMERICANA 'ENTERPRISE'.

MARINHEIROS NA LAVAGEM DE ROUPA—A CORVETA—A SALA DE TRABALHO—FRANCISCO RAWLE, O FILHO DO COMANDANTE—A GUARNIÇÃO—O COMANDANTE E SEU FILHO

É um navio escola onde se formam os marinheiros da grande república Norte Americana e vem ao Tejo em viagem d'Instrução.

Saiu de Boston a 18 de julho e foi ao Fayal, onde se demorou 7 dias, partindo então para Lisboa d'onde seguirá para Argel, Gibraltar, Madeira e Canárias e n'esse lugar aguardará ordens durante dez dias.

Os alumnos são rapazes entre 16 e 19 annos que se mostram alegres e bem dispostos para essa lida do mar e vem com elles um rapazinho de 9 annos de nome Francisco Rawle, que tambem se destina à carreira de marinheiro e é filho do commandante da *Enterprise*, sr. Sawe.

A corveta foi construida em Boston em 1873 e herdou o nome de dois outros navios da mes-

ma nação que se tornaram infameis. O primeiro navio d'este nome estava em serviço nas Indias e em 1788-99, quando se foi do conflicto entre a França e os Estados Unidos, tomou parte n'elle e mais tarde n'outro entre a os Ioyes de Tunis e Tripoli. Em maio de 1801 a *Enterprise*, commandada pelo tenente Andrew St. Vessi, deixou o Mediterraneo e voltou a America e em dezembro de 1802 capturou o *Booth*, navio turco que levava mulheres russas: empuzada para o harbor de Saitto. Foi se outro navio de messemo nome que tomou parte na guerra com a Inglaterra desde 1812 a 1814 e que entrou em muitos combates e fez numerosos cruzeiros. O actual tornou-se escola nautica em 1892 e tem por objecto d'alleve essa lida do mar na instrução dos marinheiros que vão engrandecer a armada d'essa poderosa nação.



PORFIRIO DIAS

PRESIDENTE DA REPUBLICA DO MEXICO

Releio desde ha doze annos para o lugar de presidente da republica mexicana, e alorade pelo povo como bem demonstra com o tempo que tem dirigido aquella nação.

Novamente Porfirio Dias acaba de ser eleito, mostrando-lhe o Mexico quanto presta as suas altissimas qualidades.

Depois da morte do imperador de Mexico Maximiliano d'Austria, que foi fuzilado pelas tropas de Juarez, a nação envolveu-se em luctas e guerras com os populosos Estados vizinhos e so lerminaram essas dissensões desde que Porfirio Dias tomou as redens do governo em 1 de dezembro de 1892, sendo-se conservado até hoje no poder com grande applauso de toda a America.

O general Porfirio Dias nasceu em 16 de setembro de 1830 e honou parte em todas as luctas nacionaes como um bom patriota e um bravo militar.

A sua obra como chefe de governo é igual á sua carreira militar, toda gloriosa e digna, e o Mexico, reorganizado de novo, bem demonstra como aprecia as qualidades d'esse homem excepcional toda abnegação, intelligencia e coragem.



DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

(RETRATO TIRADO NO DIA EM QUE TERA 60 ANOS)

Os lentes da Escola Polytechnica acabam de prestar uma boa mercêda homenagem ao director d'aquelle estabelecimento, dr. Almeida e Albuquerque, que ha 60 annos rego a sua cadeira de economia politica na Escola.

Sucedeu na regencia d'esta cadeira ao grande tribuno José Estevão Coelho Magalhães. O dr. Almeida e Albuquerque foi durante muitos annos director do Journal de Commercio e commercio de Alexandre Hercliano, Moisés Levi, Lúthio Coelho, Andrade Corvo e tantos outros, que ja desapareceram do numero dos vivos, mas não da memoria dos homens.

Nasceu em Setúbal a 2 de julho de 1843, entrou na Universidade e foy nomeado em 1864, propoz-se a atacar desde então o lugar de lente da Escola, o que conseguiu.

É hoje o decano dos juristas portuguezes, e, todavia, ve bilioso, que mesmo nos dias de tempestade, quando a agua cabe em grossas batagas e ha um temporal d'aberto, não deixa de ir dar as suas lições tanto á Escola Polytechnica como ao Instituto Industrial, de qual foi director durante algum tempo.

Recto e justo, caracter de rija tempera, o dr. Almeida e Albuquerque é adorado pelos seus alumnos e por aquelles que hoje occupam grandes lugares tanto nas letras, como na politica, nas artes e no militarismo e que foram seus discipulos na Escola Polytechnica.



DR. ROCHA PEIXOTO

Sucedeu-se por meio de enforcamento o dr. Rocha Peixoto, que foi um dos grandes ornamentos da Universidade onde era lente da faculdade de mathematica desde 1873. Deixa alguns trabalhos notaveis sobre mathematica, além d'uma criação de sapiecia, magnifica de forma, e que elle reclinou no impedimento do disease da faculdade, em 1888.

Illustrado e excentrico, o dr. Rocha Peixoto succumbiu em virtude d'um desequilibrio nervoso mais a mais accentuado a medida que entrava a idade. Nasceu em Ponte de Lima a 10 de julho de 1828 e formou-se na Universidade no anno de 1850, a 24 de julho. Foi durante alguns annos subdirector do Real Observatorio da Tapada d'Ajuda e representou na camara dos deputados o circulo de Vienna de Castello de 1871 a 1874.

O excentico desta vida, dois filhos e uma filha. O mais velho concluiu ha poucos dias o seu curso de direito e a mais nova deve entrar este anno na Universidade.

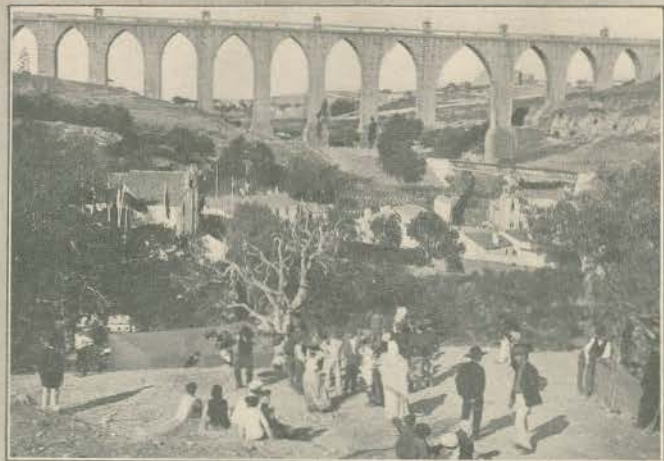
O seu cadaver foi sepultado em Vienna de Castello no seu jazigo de familia.



AS FESTAS NO CAMPO GRANDE EM 31 DE JULHO

D. COBERTO—CORRIDA DAS PECARAS—CORRIDA DE PITAS—CORRIDA D'ARQUELOS—UM ASPECTO DO CAMPO GRANDE—A «KEREMESSE»

Foram distribuidas as festas realizadas no Campo Grande, as abecio das arvores magnificas e fortes, por esse dia de calor, ou que milhares de curiosos ali foram. Houve corridas de bicyclistas, verdadeiros torneos, em que se deram engraçados episodios, sobretudo na parte da corrida de pecaras. Os bicyclistas vinham uns seus machucos passar sob uma esplanada de pecaras suspensas d'um arame e que elles buscavam partir com os pés de que iam montados, porém as pécarras, que estavam umas cheias de areia, outras de agua, ajudavam ou encharcavam os que as partiam, causando-lhes assim um pouco deinho para a victoria. Venderam presentes, que lhes foram distribuidos pelos representantes da imprensa, os bicyclistas srs.: Augusto Freitas, José Antonio da Silva, Luiz d'Almeida e Afonso Ferreira. A noite as illuminações á moda do Miúdo foram superboas deitas, fez-se bem negocio na Keremesse e os carros partiam do Riojo apinhados de passageiros que iam gozar, com a festa, a frescurinha de adoravel noite ali, d'aquelle lugar encantador, cheio de suavidade e de bem estar, no remanso das arvores frondosas.



AS FESTAS DA SENHORA SANTANNA

Tem fama esta festa, porque ha alguns annos, quando as portas eram em Alcantara e ainda a Horta Nova Duha a tradiçao dos falantes de polpa, os quaes por vezes se vian a pueros com o famoso *Wido d'Alcantara*, que morreu no Albergue dos Invalidos do Trabalho, o povinho do sítio ia em grande commoçao a rapelliña que floa junto ao Arco das Aguas Livres, n'um ponto do valle, ao qual Belford se referia na sua correspondencia escripta no tempo de D. Maria I. A Senhora Sant'Anna era, como o Senhor da Serra e a Alatala, uma romaria perfeitamente d'uso.

UMA ROLETA DE BUCETIBRAS—UMA GERAL DO BEZIRO—O CREO JOSE D'ALMEIDA QUE TOMOU COFFEA DA BRANCA—A BRANCA DA SENHORA SANT'ANNA—SERVANDO O FIGO DE VISTA—TIPOS DE ANBAIAL: VENTUREIRAS DO CAMARAO

Na encosta do Monsanto armaram-se barracas, fez-se um arraial que foi verdadeiramente pittoresco. Não chegou ao intuito ao espíndor da antiga festividade, mas, e tambem certo que não houve tantinho como os que antigamente fozam celebrados. Os combates, assemblaram muita gente em Campolide, sendo deoventos interessante o aspecto da praizagem com os seus grupos, as mustras, as baudeiras, e sombria de vestida e magostoso aqueducto.

Na encosta do Monsanto armaram-se barracas, fez-se um arraial que foi verdadeiramente pittoresco. Não chegou ao intuito ao espíndor da antiga festividade, mas, e tambem certo que não houve tantinho como os que antigamente fozam celebrados. Os combates, assemblaram muita gente em Campolide, sendo deoventos interessante o aspecto da praizagem com os seus grupos, as mustras, as baudeiras, e sombria de vestida e magostoso aqueducto.



E NOS VOLUMES, CAIXAS E FARDOS SE FUZEM BULILOS

OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Levantámos ferro, e d'essa hora em diante toda a actividade cessou. Desde que tínhamos fundado em Beirouth nunca mais se viria um tal systema de verificação, desordem geral nos beliches, a embrulhar e empacotar. Toda a gente andava atarefada. Fixaram-se relações de todos os objectos comprados, com a designação do seu valor em cada um, para facilitar o despacho na alfândega. As compras feitas em globo, do sociedade, dividiram-se equitativamente, os debitos saldados, as contas comparadas, e nos volumes, caixas e fardos se puzeram rotulos. Todo o santo dia durou o reboliço a confusão.

Então succedeu o nosso primeiro incidente. N'uma noite de tempestade, em que um passageiro corria por uma passagem entre as cobertas, prendeu-se-lhe um pé na chapa de ferro de uma porta que por descuido ficara da banda da fóra de uma escotilha, e partiram-se-lhe os ossos da perna pelo tornozello. Foi a nossa primeira grande desgraça. Havíamos percorrido muito mais de vinte mil millas, por terra e por mar, em muitos climas perigosos, sem nos succeder mal nenhum, sem um caso grave de doença, e sem uma morte entre sessenta e cinco passageiros. Tinha sido admirável a nossa boa fortuna. Um marinheiro havia saltado da borda em Constantinopla, uma noite, e ninguém mais o viu, mas suspicou-se que o seu proposito era desertar, o havia, pelo menos, uma ligeira probabilidade de que elle chegara a tocar em terra. Mas a lista dos passageiros estava completa. Não faltava um nome no registro.

terra tinham entre vós apertado a mão, e que a longa e extensa digressão estava acabada. Amen.

XXX

Dedicção mal agradecida — Artigo n'um jornal

Inseri aqui um artigo que escrevi para o *Arauto* de Nova York na noite da chegada. Faço em parte, porque o contracto com os meus editores o tornava obrigatorio; em parte por ser um resumo, bastante exacto e completo, da viagem que fez o navio, e dos actos que praticaram os peregrinos em terra extranha; e em parte, porque alguns passageiros disseram mal de mim por te-lo escripto, e desejo que o publico veja quanto é ingrata a larofa de alguém se dar ao incommodo de enaltecer gente que não sabe dar apreço ao que o merece. Foi accusado de «correr a dar á estampa» essas cumprimentos. Não ha tal. Escrevi algumas vezes novas cartas para o *Arauto*, mas quando n'esse dia estive na Redacção não disse uma palavra quanto a escrever um artigo-epilogo. Foi á Redacção da *Tribuna* ver se queriam esse artigo, porque eu pertencia ao quadro dos seus redactores ordinarios, e era apenas um dever faz-lo. O director do jornal estava ausente, de maneira que não pensei mais n'isso. A' noite, quando da parte do *Arauto* me vieram pedir um artigo, não corri—. Com effeito, hesitei um pouco, por não me sentir disposto a escrever cumprimentos n'essa occasião,

e, portanto, receava falar da viagem, não me succedendo ser trahido por uma linguagem que fosse encomiastica. Contado, reflecti em que seria justo e bem cabido escrever algumas palavras amáveis dos Hadjis — Hadjis são as pessoas que fizeram a peregrinação — porque as partes não interessadas não poderiam faz-lo tão conviçadamente como eu, um companheiro. Hadji, é trazejei o artigo epilogo. Li-o e tornei a lê-lo, e, se n'ello ha um conceito, que não seja plenamente attentivo para o capitulo, o navio e os passageiros, não posso descobri-lo. Se não é um artigo que qualquer agrupamento se ufania de lhe dizer respeito, o meu juizo não vale nada. Feitas estas observações, submetto-o á apreciação imparcial do leitor:

REGRESSO DOS EXCURSIONISTAS Á TERRA SANTA. — DESCRIÇÃO DA VIAGEM

Ao director do *Arauto*.

O vapor *Quaker City*, tendo finalmente terminada a sua extraordinaria viagem, voltou ao seu ancoradouro aos pés da Wall Street. A expedição foi bem succedida a certos respeito, a outros não. Primariamente annunciada como um «excursão de recreio», foi-o talvez, mas não a parceru, e não decorreu como tal. A noção que teve qualquer e toda a gente de uma excursão de prazer é que as pessoas que a compõem hão de ser necessariamente novas, levianas, presunidas. Hão de dançar e cantar bastante, namorar-se, mas pregar moral muito pouco. A noção que tem qualquer e toda a gente de um bem dirigido funeral é que ha de haver pelo menos um carro mortuario e um cadaver, carpideiros verdadeiros e outros por corteza, muitas pessoas odosas, muita solemnidade, nenhuma irreverencia, rezas e um sermão. Tres quartas partes dos passageiros do *Quaker City* andavam entre os quarenta e sessenta annos de idade! Pode suppor-se que a outra quarta parte constava de raparigas. Não era assim. Compunha-se principalmente de medeiros solteiros e de uma cronca de seis annos. Tomando á media dos peregrinos do *Quaker City*, há cincoenta annos. Haverá algumaão destinado de bom senso que imagine que este *pic-nic* de patriarchas cantou, amou, dançou, riu, contou anedotas e folgoz diabolicamente? Pelo que eu presenciei, n'esta

partis pottaram pouso. Sem dúvida que aqui na patria se suppo que ossoa veteranos folgadoes iriam o cantaram e doudejaran todo o dia, e dias consecutivos, mindeando uma ruidosa excitação da prôa á pópa de navio; ou brincaram a cabra cega ou dançaram quadrilhas e valses em noites de luar no bumbadillo; e que em occasos momentos de orn curteram a vista per um jornal, que haviam levado consigo, largando-o logo para se entregarem aos seus calculos do jogo do whist, sob as lampadas da camera. Se tal coisa supponerem, enganaram-se. Os respeitaveis excursionistas não seam alegros nem tristes. Não jogavam a cobra cega; não queriam saber do whist, não jogavam no offidiadoo jornal — a maior parte até se occupava em escrever litteras. Nunca folgavam, falavam pouco, e não cantavam musica, excepto quando estavam reunidos á noite. Vi savio de recorder era uma xanxoga, e os excursionistas um cortejo famelico sem fôrto. (Não ha nada receptivo a'um cortejo famelico sem fôrto.) Biso franco e aberto foi com que se se ouviu do seto em seto d'as nos cubertas ou nos beliches, e quando surta era recebido com boa fraca sympathia. Os excursionistas dançaram, em tres noites intervelladas, ha já tanto tempo que parece um século, quadrilhas, sempre uniformes, compostas de tres damas e cinco cavalheiros (os ultimos com longos atados no braco para representarem o seu sexo), que acertavam os passos ao grave sibilar de um melodio, mas até essa ergia melancolica foi considerada um passado, e a dança foi interrompida.

Jogavam os peregrinos o dominó, quando as excessivas leituras de obras sobre a Terra Santa, ou a minha escripta, tornavam a distracção necessaria — porque o dominó é um jogo tão innocente, como qualquer que possa haver no mundo, talvez, exceptuando sempre a diversão do croquet, que é um jogo em que não podia metter as bolas no bolso sem lifar qualquer coisa de alguma importancia, e quando se acabou, ninguém tem que pagar, nem reflexos que se pallssem, e consequentemente não offerece nenhuma satisfação — Jogaram o dominó até descaçarem, e depois lá se enroscaram a sombar uns dos outros em particular até á hora da archa. Quando não estavam expostos, eram extremamente pontuaes ao toque da sineta para o jantar. Tal era o nosso viver quillidiano á bordo — gravidade, descan, jantar, dominó, devocões, maldicença. A zorra já não se achou, mas, quando me reporto ao passado, a idea d'esses resourços fôrtois, saltando por ahí fora a'um s'ic'le de seis meses, é singularmente restreita.

A toda a parte onde fomos, na Europa, Asia, ou Africa, fomos senão, e, creio que posso acrescentar, eramos fôrto. Nôcham de nos tinha de antes lá a qualquer parte; todos julgavam; e a viagem foi uma alta novidade para nós, e concluímos-na em conformidade com os instinctos naturaes, e tratamos-nos sem circumstancias, sem convenções. Tivemos sempre o cuidado de dar bem a saber que eramos americanos — americanos! Quando descobrimos que muitos estrangeiros mal tinham ouvido falar da America, e que muitos mais ainda se tinham notitia d'ella como de uma barbara região lá d'outra terra além, que altissimamente tinha andado em guerra com outros, lamentamos a ignorancia do Velho Mundo, mas não diminuímos um apice da nossa importancia. Muitas e muitas comunidades de homophobico oriental não de recorder durante amos e invasão da extranha borda, que se denominava americana, e parecia imaginar de certo modo indistincto que tinham direito a exaltarmos d'isso. Não geralmente credamos fôrto, em parte porque o café á bordo do Quaker City era insupportavel, e algumas vezes a comida mais substancial não era um rigor do primario ordem; e em parte porque a gente naturalmente se enfadava de estar sempre sentado á mesma mesa e de comer as mesmas iguarias.

Os habitantes d'outra patria estrangeiros são muito, muito ignorantes. Não com extranhos, se fôrto que tratamos dos desertos da America. Notavam que fassamos alto á nosa algumas vezes. Reparavam em que attendessemos as despoças, e obtivemos quanto razoavelmente era possível por um franco, e passavamos da materia d'onde vihamos. Em Paris obtim simplismente os olhos o extaslavamos de nos ouvir falar francez! Nunca conseguimos que ossoa idiotas comprehendessem a sua propria lingua. Por cosas que se foram, sem levado a crer que deve haver differença entre o francez parisiense e o francez do Quaker City.

Toda a gente olhava para nós passados, e nós procediamos do mesmo modo. Em geral, faziamos-lhe sentir que eram muito pequenos, antes de nos separarmos d'elles, porque lhes cahiamos em cima com a grandezza da America até os esmagarmos. E, toberia, necessitamos benignamente os usos e costumes, e especialmente as modas dos varios povos que visitamos. Quando partimos d'os, a zorra, usamos berriviva capotes e ballas pretos de moella. Quando deixamos Yangor, na Africa, tratamos na cabeça fôrto de cor mais esguintina com botas como a carapaca dos indios. Em França e

na Hespanha usavamos alguma atencção com ossoa trajes. Na Italia usaramos naturalmente por estovados garbaldinos, e collocamos uma calzonera de observação a qualquer coisa que nosso pudesse significar a nossa mudanca de vestuario. Fomos Roma trancar. Podiamos ter feito bramar qualquer terra, quando tinhamos todos as nossas roupas sobre o corpo. Não obtivemos nenhum traje novo na Grecia — e que por lá havia era de pouco monta. Mas em Constantinopla, que quantidade de roupas! Tapachos, rimbarrões, fôrto, puchas de cavalaria, tunicos, camicas, valchos de folho de sacos, chifellas amarellas! Oh! estovages abarrotadas. Os illustres s'ios de Constantinopla estafaram-se a ludrar, e ainda assim não nos levaram a malhar. Agora são todas mortas. Não podiam resistir a fadiga que nos lhes causamos.

Depois fomos ver a imperador da Russia. Fixamos-lhe uma visita de convenção, com a usosa usual complacencia assina, e, archada a visita, fomos-nos prover de varias trajes russos, e largamos outra vez para o mar, mais pitorrescos do que nunca. Em Suezra compramos chales de pelo de camello e outros bichidos da Persia; mas na Palestina — ah! na Palestina a nossa exploração acabou. Não havia lá nada que pudessemos ver. Estavamos satisfeitos e partimos. Não faziamos exploracção nenhuma. Não tentamos ver os seus lazjos. Mas fomos o assombro dos indigenas. Causamos lhes espanto assinar. Desfilamos atraves da Terra Santa, de Gesara Philippa a Jerusalem e ao Mar Morto, a'um cortejo extravagante do peregrinos, que não olhavam a despoças, groves, reptas, de culos verdes, subocendo com somo debruto dos guardas-olhos amos, a'uma especie de carallos, camellos e burros mais tristos que os que se acham da arca de Noé, passados onze meses de viaje, e de fracos rações. Se percutiam ossoa filhos de Israel na Palestina se esqueceram de quando ali passou essa banda de Godeol, procedendo da America, deviam ser mais uma vez malditos e exterminados. Por talves e respectando mais raro que jamais mortificas oliba mortales.

(Continua.)

PUBLICADA N.º 37



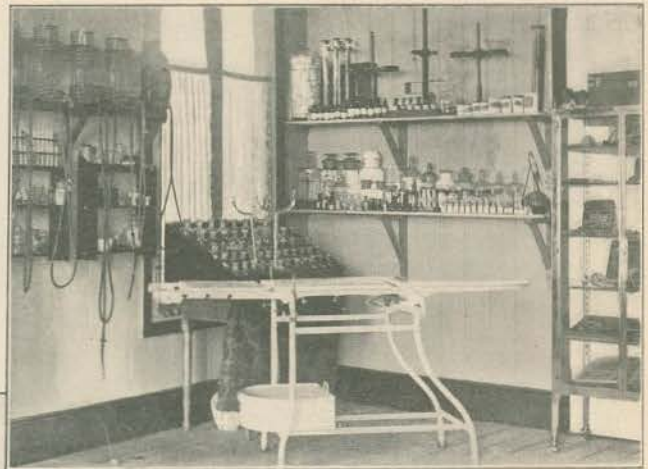
FINALMENTE, UMA MARRÉ, ENTRANDO DO PORTO DE NOVA-YORK



JOÃO ALVES BELDANO
Fallecido em 27 de julho



DR. PAIVA PINHEIRO



CASA DE OPERAÇÕES

A casa onde está instalado o consultorio dos srs. drs. Lacerda e Pinheiro é o tipo modelar das casas próprias dos climas quentes e foi feita segundo as indicações dos illustres hygienistas, que d'uma forma bellissima se tem evidenciado no tratamento das doenças próprias d'esses regiões. Construída com todas as regras da hygiene applicada aquelles climas, é ao mesmo tempo uma edificação elegante e onde estão installados magníficos laboratorios, salas de operações e bellas salas de consulta, nas quaes os illustres clinicos exercem proficentemente a sua sciencia, prestando assim grandes servicos n'aquella cidade, uma das melhores da nossa colonia de Moçambique.



O CONSULTORIO DOS SRS. DRS. JOSÉ ARAUJO DE LACERDA E PAIVA PINHEIRO NA BEIRA—A YACHADA

COLONIAS PORTUGUEZAS



FREDERICO CARLOS MONIZ
Candidato com a medalha de prata por salvamento do argenteo Franca no incendio em Cacilhas em 6 de fevereiro ultimo.



O CORONEL
FERNANDO LIRO DE SANT'ANNA
Fallecido em 5 de julho

CHRONICA ELEGANTE

Continuamos em plena estação de *déplacement*, esta febre moderna que invade até as pessoas mais paratas e rotineiras, levando-as a visitar cousas que nunca teriam sonhado ver, fazendo-as experimentar meios de locomoção que outr'ora teriam tido seu

quê de *bravado* e preparavão-dolhos occoção de assistir a divertimentos luteiramente descomhecidos para ellas.

Entre os *sports* modernos o automobilismo está sendo dos mais entusiasticamente adoptados. Foudo de parte os inconvenientes que o seu aspecto pouco estheico possa offerecer e os perigos, aliás evitaveis, a que se expõem os automobilistas e talvez mais ainda os miserios que os admiram, devemos concordar que esse sistema de



FIGURA 1



FIGURA 2

ractoristico. Ha dois typos de costumes: o do pelles e o do pellica. O vestuario de *fouarrure* é um *paletot sac*, de gola levantada, cujo comprimento é até ao joelho ou até aos pés. Executa-se em pello de cabra parido, castanho ou branco, em castor, ou toupeira ou *oursion*. A phoca e o garrino não são tão adoptados, apezar da sua impermeabilidade, por causa do pessimo cheiro que exhalam. Estes fatos são forrados e podem usar-se dos dois lados.

O vestuario menos quente faz-se de pellica preta ou cor de havana, sada curta e *jaquetta* com duas aboto-

vação e dos mais commo-ais e praticos.

Entre nos é bem conhecido o aspecto do automobilista, vestido sem especialidade alguma o limitando-se a subergar sobre o futo o guarda-pé do estylo, o chapéu ou gorra, a mascara ou os ocules, e para as damas o ven que as preserva das ventanias e do pó, porcia, nos paizes meios-tampados e para xingens mais prolongadas, o traje é ca-

durax; usa-se além d'isso um calcão curto de pellica forrado de seda ou flanelia. A boina ou bonet guarnece-se de astrakan, vison, loutra, etc. Calcão de couro interiormente forrado de pelle. A *loque* ou chapéu de pellica é usada nas occasões de menos frio. As luvas de canhão chegam a cobrir os punhos. Cremos as *capelines* de seda crúa especias para este fim e as novas mascaras de seda cor de rosa, que substituíam com vantagem os vens de renda e gase com os ocules de mica.

O cyclismo, posto que já vulgarizado, tem ainda numerosos adeptos; o traje appropriado é bem conhecido e além d'isto *sport* serve para os jogos de tennis, golf, polo, excursões, *yachting*, etc. Basta para isso organizar a abertura da saia de modo a poder abotolar fazendo effeito d'uma simples saia curta. Para cyclismo, tennis, golf, polo, é usado o calcão com sola de *caulebon*.

FIG. 1 — Traje de cyclismo em *laine*, *concesses*. Chapéu de feltro molle ou palha *l'annam*.

FIG. 2 — Balsa para golf e outros *sports* em tecido jersey e guarneções de pellica pespontada.

FIG. 3 — Toilette de corridas em *coite* *haque* guarneceida de franco verde escuro, seda e renda creme. Chapéu de renda creme com pluma verde *ombrée*.

FIGURA 3